



Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO DE CONTACTOS

Editor: ANTONIO BELEZA
Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORIA

DIRECTOR
PEDRO MURALHA

Redacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

BATATAS DE SEMENTE

Não basta gastar dinheiro em batatas para semente.

É indispensavel

saber o que se compra, para não deitar dinheiro pela janela fóra.

Experimentem, pois, as melhores

Batatas de semente

importadas directamente, com todas as garantias, á venda na

Sociedade de Adubos Reis, L. da

Rua da Betesga, 41, 1.º

LISBOA

SAPEC OS MELHORES ADUBOS

PARA

**TRIGOS, MILHOS,
BATATAS e VINHAS**

A **SAPEC** vende os melhores adubos sempre aos melhores preços do mercado

ADUBOS para todas as culturas

SAPEC Rua dos Fanqueiros, 121. 1.º
LISBOA

**Todos os bons alentejanos
Todos os lavradores
Todos os portugueses
Devem assinar a
VIDA ALENTEJANA**

João Manuel Palma

SERPA

Produtor e fabricante de azeites, pelos processos mais modernos

Francisco Romão Tenório

Herdade da Figueira de Cima

Creador de muars de raça seleccionada, e de gado cavalari, bovino, suino lanigero e caprino. — Produtor de toda a qualidade de cereais.

Lãs, Cortiças, Azeites, Queijos

ARRONCHES

HERDADE DA GRAMICHA

DE

Francisco Adelino Gonçalves

Creador de gado bovino, suino, lanigero, azinino e caprino

PRODUTOR DE CEREAIS, LÃS, AZEITES E QUEIJOS

ELVAS

António Romão

FABRICA DE MOAGEM DE FARINHA EM RAMA

Amoreiras — GARE

C. J. SOARES

CIRURGIÃO DENTISTA

R. Alexandre Herculano, 108, 1.º-E.

Telejone 4 2890

Desconto de 20 % sobre a tabela aos socios do Grémio Alentejano a suas familias

Ramiro & Irmão, L. da

Moagem de Cereais

e Debulhas á Máquina

Aldeia dos Fernandes

CASTRO VERDE

**CLINICA
MEDICO
CIRURGICA**

DE

Dr. João Pulido e Dr. Covas Lima

Casa de Saúde

Tratamentos electricos, diatermia
Raios ultra-violetas, infra-vermelhos,
correntes galvânicas
Faradycas

RAIOS X

artos pa internamento de doentes

Alta cirurgia a cargo do Ex.º Sr.
Dr. Amandio Pinto

R. Capitão João Francisco de Sousa

BEJA

PATRICIOS

Inscreevei-vos na

«LUTUOSA NACIONAL»

(ASSOCIAÇÃO SOCORRO MUTUO)

Subsidios de **5, 10, 15**
e **vinte mil escudos**

A mais solida garantia de sobrevivência

Peça hoje a sua inscrição
Entrada dos 18 aos 45 anos

Rua Victor Cordon, 31, 2.º

LISBOA

Polainas Marca DUQUE

da Rua do Ouro, 294

São preferidas pelas
pessoas de bom gos-
to, pela elegancia, re-
sistencia e côr fixa,
a retalho e revenda.

J. J. d'Almeida

Cereais, Azeites e Farinhas

Rua de S. Bento, 297—Lisboa

Vida Alentejana

SEMANARIO AGRICOLA // PECUARIO // TURISTICO // DE CULTURAS

Editor: ANTONIO BELEZA

Propriedade da Empresa em organização: ALENTEJANA-EDITORA

DIRECTOR
PEDRO MURALHARedacção, Administração e Oficinas:
R. DA ROSA, 105—Telef. 2 1622—LISBOA

A Batalha de Ourique

Segundo informações colhidas pelo «Correio da Estremadura», o sr. general Victoriano José Cesar vai publicar um trabalho seu sobre a tão falada batalha de Ourique trazendo à luz novos elementos sobre a hipótese de que D. Afonso Henriques teve a batalha não no secular Campo de Ourique, no Alentejo, mas ali, perto do Cartaxo, um lugarzinho denominado Casal do Ouro.

Vai voltar, pois, à tela da discussão o assunto da localidade onde se produziu essa batalha que levou o seu chefe a proclamar independente o antigo condado de Espanha.

Sobre esse momentoso assunto já expuzemos há cerca de 2 anos no *Diário do Alentejo*, o que pensamos.

São desse artigo os seguintes períodos:

«Os defensores do *Casal do Ouro*, sem considerações algumas pelos nossos mestres em história nem pela tradição de nossos avós estribam-se nos *pontos estratégicos*. Não era possível a batalha ter-se realizado no Alentejo porque as matas de Aljustrel ficavam longe e não seria possível as hostes de Afonso Henriques chegarem até ali tendo que passar por vários Castelos mouros.

Ora várias circunstâncias se deram para que D. Afonso levasse a efeito tão grande façanha.

Pois quê? Não haviam os mouros de lhe pagar bem caro o terem-se estes apoderado do castelo de Leiria que êle mandara edificar 4 anos antes, para lhe servir de reduto por forma a que a moirama não invadissem os terrenos conquistados por aquela região que era então um deserto?

Não foram massacrados, pelos mouros na tomada do referido Castelo cerca de 300 homens entre os quais a mais alta nobreza de Portugal?

Não estava, nessa altura Carlos VII, rei de Leão entretido com o cerco de Cazorta? Não existia naquela data uma

de Pax Julia que Beja obteve, não passará duma fantasia inventada em qual-quer século.

Também não devemos acreditar que 500 anos depois, quando Roma tinha aqui toda a força do seu poder, este território fôsse invadido pelos bárbaros do norte, para séculos depois estes serem esmagados pelas hostes de Ataulfo, o formidável guerreiro godo.

Ora, nem todos os historiadores serão ignorantes e menos probos. Não devemos duvidar do que nos afirma o grande historiador português D. António Caetano de Sousa, na sua *História*



Castro Verde — Basilica. Forrada de azulejos copia dos paineis



Egreja das Chagas onde se encontra as telas do século XVI com os episódios da batalha

tremenda divergência entre os poderosos chefes musulmanos ligando-se os *almohadas* contra os príncipes árabes da Andaluzia *almoravides*? Não viam estes o temível rei de Leão em territórios seus?

Não se admite então que Afonso Henriques aproveitando-se destas circunstâncias todas, e tendo na sua hoste homens como Gonçalo Mendes da Maia, D. Fuas Roupinho, Martin Moniz e outros atravessasse o Tejo na intenção de ir até ao Algarve, (Al-Charb) a-fim-de travar uma dura peleja precisamente no coração dos países mouros?

A orientarmo-nos pelo critério dos que pretendem levar o local da batalha para o Cartaxo não devemos acreditar que o imperador Júlio Cesar assinasse em Beja paz com os luzitanos. O nome

Geneológica da Casa Real Portuguesa, edição impressa no ano de 1735.

Quando trata do reinado de D. Afonso Henriques, este historiador, um dos mais inteligentes e sábios membros do clero, afirma ter visto e consultado, na biblioteca do Mosteiro de Alcobaça, um documento autêntico, com o respectivo selo pendente e em que o primeiro monarca português, passados 13 anos da vitória de Ourique, apresentou às côrtes que se efectuaram em 1152.

De facto, no III volume das *Provas* lá se encontra transcrito em latim o referido documento que os defensores do *Casal de Ouro* afirmam ser apócrifo, mas que, no seu contexto diz que a batalha se travou *ultra Taguem*, quer dizer *A'lem Tejo*.

(Continua na pág. 2)

A Batalha de Ourique

(Continuação da 1.ª pag.)

Esse histórico documento começa: «Eu Afonso, rei do Portugal, filho do ilustre Conde Henrique» etc «estava com o meu exército (*cam mea hoste*) em terras alem do Tejo (*ultra Taguem*) no Campo do Ourique (*in agro Auriquo*) onde pugnamos com Ismael e outros quatro reis mouros sendo presentes milhares de infieis.»

Sim, podemos nós duvidar desta afirmação feita no citado livro por D. António Caetano de Sousa? «No cartório de Alcaboça se conserva o dito juramento com os selos antigos, o qual vi com bastante curiosidade quando no ano de 1705 estive nesta real casa.»

O que diremos do que afirmam a propósito da última batalha, historiadores como o Bispo Cenaculo, como Alexandre Herculano, como Pinheiro Chagas e tantos outros.

Não é num simples artigo de jornal que este assunto poderá ser desenvolvido.

Hei-de escrever um volume sobre o assunto para que eternamente fique a voz dum alentejano, a protestar contra o facto de se pretender desviar da sua região um acontecimento que levou Portugal à sua independência, isto sem documentos que justifiquem tal procedimento.

Quiz ouvir, sobre o assunto, a opinião do meu ilustre amigo Manuel Ançã, homem que possui raras qualidades de investigador e a quem a história de Beja muito deve.

Manuel Ançã não é filho desta região, mas tem mais amor por ela do que muitos que aqui nasceram.

É um alentejano de alma, um baírrista dedicadíssimo. Foi esse amor pelo Alentejo que levou Manuel Ançã a dizer-nos estas palavras que arquivamos como preciosa jóia:

«Nos trabalhos literários de Frei Manuel de Cenaculo de Vilas Boas, Bispo de Beja e Arcebispo de Évora, cujos merecimentos literários e científicos foram justamente galardoados por Marquês de Pombal, apresentou a sua opinião autorizada sobre a batalha de Ourique. Não tem valor este testemunho histórico, e tantos outros subsídios comprovativos de que a Batalha de Ourique se feriu nesta região?»

Foram os nossos avós iludidos quanto á convicção em que viveram de que esse prélio se ferira no Alentejo? Mas ninguém ainda provou o contrário á saciedade. As opiniões modernas, pretendem deslocar a batalha de Ourique do seu fulcro tradicional, isto é: dos campos, das vilas de Entradas, de Castro Verde e de Ourique para as Chãs de Ourique, perto do Cartaxo, não parece que tenham consistência alguma.

O opúsculo do ilustre general Vitoriano José Cesar, Presidente da Comissão que funciona junto do Arquivo Histórico Militar impresso na tipografia da Casa Portuguesa, de Lisboa, em 1927, revela de tudo, erudição e boa fé; mas quando insiste na opinião de que a batalha se ferira nas Chãs de Ourique perto do Cartaxo, não emite provas, não cita fontes, não aduz argumentos convincentes.

Dizer-se que Afonso Henriques não se internou no Alentejo temerariamente deixando na retaguarda praças fortes ao inimigo, numa rede de posições militares que impediam quaisquer veleidades,

Criando os seus adeptos, tomando novas proporções, vai abrindo caminho e mostrando largos horizontes, o grande movimento alentejanista levado a fim por almas verdadeiramente grandes.

Pois bem. Já que assim o querem, assim o tenham. Os alentejanistas querem um Alentejo maior; logo, é necessário que todos, sem excepção, de credos religiosos ou políticos, se unam para o engrandecimento do nosso Alentejo, da nossa terra, do nosso Portugal; que todos nós trabalhemos.

Na maioria das cidades, vilas e aldeias do nosso Alentejo organizam-se comissões de iniciativa e todas elas trabalham para o engrandecimento da sua terra, pois que, trabalhando para esse engrandecimento e para a riqueza da sua terra, é o mesmo que trabalhar e contribuir para um Alentejo mais nobre e para um Portugal mais firme e consciente das suas tradições.

É de toda a conveniência e dum alto valor, moral, material, intelectual e artístico, que todas as terras que não tenham as suas comissões de iniciativa, as organizem, e sem demora, porque o tempo é dinheiro.

Entre as terras que ainda, por assim dizer, não têm comissão de iniciativa ou de interesse local, está Aldeia Nova de S. Bento (concelho de Serpa).

Por ser a minha terra e pelo grande amor que lhe dedico, (pois ela não tem culpa das faltas que os homens cometem), me atrevi a escrever estas linhas, e outras insertas no número de 12 de Dezembro de 1934 deste grande semanário, dirigido pelo distinto jornalista e alentejanista, sr. Pedro Muralha, que, em Lisboa, tomou a iniciativa de defender o Alentejo de tão vis deturpações com que, pelo ignaro desconhecimento das coisas da nossa

daquele príncipe em operar no Alentejo, é uma hipótese despedianda. A hipótese contrária é a que a nossa tradição de valentia admite.

A nossa epopeia terrestre e marítima está cheia desses rasgos de valentia e audácia.

Estabelecer o terror entre os contrários como Bismark e os seus compatriotas alemães nos tempos modernos praticaram; vencer batalhas com pequenas hostes contra os inimigos mais poderosos, na visão promissora de conquistar terras, e consequentemente na dilatação dos seus domínios tal era o espírito de ambição, de audácia, e de mística heróica, que animava o intrépido fundador da nacionalidade portuguesa — espírito ancestral que o atirava para as mais arrojadas e quasi legendárias façanhas o país e pelo Alentejo dentro.»

terra, êle tem sido alvejado; e para ver se assim consigo despertar nos novos e velhos da minha Aldeia aquilo a que se chama baírrismo alentejanista, mas um baírrismo que faça vibrar os homens, criar novos horizontes e trazer novos melhoramentos à nossa querida Aldeia.

Rapazes da minha terra, lembrai-vos de que em Lisboa tendes um Grémio e um jornal que sem quaisquer remunerações, que não sejam aquelas de ter a satisfação de ver o Alentejo a progredir, tratará das vossas iniciativas, junto de quem de direito. E se vós, Aldenovenses, pelas vossas muitas ocupações, não tiverdes tempo para vos deslocardes até à capital, lembrai-vos de que quem escreve este incitamento, é um novo, que, se bem que não tenha talento, tem, no entanto, vontade de trabalhar e de fazer algo em prol da sua terra natal.

Fixai bem estas palavras: «mais faz quem quer do que quem pode.»

Tomai como exemplo a vossa vizinha Vila Verde de Ficalho, que, mercê de um grande alentejanista, nato naquela aldeia, acaba de criar uma biblioteca pública; grandioso melhoramento que vai contribuir para uma rápida formação intelectual ficalhense.

As minhas sinceras felicitações ao grande alentejanista Francisco Valente Machado, e faço votos para que tenha o grande prazer de ver progredir a sua tão alta como nobre iniciativa.

Velhos e novos, tomai alento e coragem, e trabalhemos pelo engrandecimento da nossa Aldeia, que com a criação da nova Escola, primeiro passo para uma grande civilização e simbolo duma nova aurora, nos unirá a todos para o bom nome e progresso da nossa terra.

CRUZ LOURO

Densão Zangarilho

Cosinha Portuguesa, Franceza e Espanhola e serviço á carta

Beirá — Ramal de Caceres — Leste II

Preços convencionais para hospedes permanentes

Carlos Homem de Sá

ADVOGADO

Rua da Viforia, 88-3.º

Telef. 2 7277

LISBOA

O NOSSO DIÁRIO

Na reunião da Lavoura em Beja tomaram-se importantes resoluções

Tomaram-se resoluções importantes na reunião que se efectuou em Beja, promovida pelo Sindicato Agrícola daquela cidade, e efectuada nas salas da Associação Comercial e Industrial graciosamente cedidas para esse fim.

Presidiu o sr. Antonio Montes Palma, Presidente do Sindicato que foi secretariado pelo lavrador do Monte Negro sr. Joaquim da Silva Brito Pais, e pelo tambem lavrador de Albernoa, sr. Manuel Peste.

Pelo nosso director foi explicado o fim da reunião que consistia em a Lavoura do distrito de Beja secundar a iniciativa da Lavoura de Elvas, tendo depois lido os seguintes telegramas:

«Ex.^{mo} Sr. Presidente do Sindicato Agrícola de Beja:

Motivos imperiosos surgidos á ultima hora, impede-nos assistir pessoalmente á reunião para assentamento das bases da Alentejana Editora. Pedimos o obséquio de representar o Sindicato Agrícola de Elvas para o que conferimos a V. Ex.^a plenos poderes com os nossos agradecimentos. O presidente João Bagulho».

«Ex.^{mo} Sr. Pedro Muralha—Beja Na impossibilidade de comparecer qualquer representante da Lavoura da região, do grupo que abraçou com entusiasmo — a bela iniciativa regionalista da criação de um órgão defensor dos interesses da Lavoura, confirmamos nossa adesão, pois estamos absolutamente em espirito nessa reunião aceitando quaesquer decisões tomadas. Pelo grupo João Bagulho».

Ex.^{mo} Sr. Pedro Muralha, Beja Impossibilitado a estar, aqui acompanho entusiasmado a criação do órgão defensor da Lavoura. — Armando Gonçalves.»

Ex.^{mo} Sr. Pedro Muralha—Beja. Lamento não poder comparecer á reunião. Faço votos pelos bons resultados, aderindo ao que meus colegas resolverem desejando que o nosso jornal em breve seja um facto: Brito Pais Falcão.»

Ex.^{mo} Sr. Pedro Muralha—Beja Felicitações. Lavoura tem todos os direitos porque lhe exigem todas obrigações. — Barahona.»

Foram ainda recebidas muitas cartas de lavradores de todos os pon-

tos do Alentejo aderindo a esta iniciativa e justificando a sua falta.

Os discursos

O primeiro orador a usar da palavra foi o sr. dr. Mira Galvão. Sua Ex.^a que foi ouvido com a máxima atenção expôz a situação da lavoura e acha bem a criação de um órgão seu aonde se possa defender das acusações que lhe fazem sempre injustamente. Entende, porém, que a assembleia nada poderá fazer de definitivo.

Opina a que em Lisboa se constitua uma Comissão que ficará denominada Comissão Organizadora, a qual lançará as bases para o futuro organismo que será o legítimo proprietário do novo diário e a que se convencionou chamar Alentejana Editora. Depois, essa Comissão exporá numa circular os fins que tem em vista, remetendo essas circulares para os sindicatos que por sua vez os enviará aos seus associados, e possivelmente a outros interessados. Seria tambem conveniente, diz, — marcar um praso para a entrega das respostas, e essas circulares levarem um talão picotado por forma a que os lavradores assinassem o número de acções com que desejem contribuir.

As palavras de sua excelência caíram muito bem no ânimo da assembleia, tendo sido aprovados os seus alvitres.

Seguidamente fez uso da palavra o sr. José do Carmo Madeira Alho. Não é lavrador, mas na sua qualidade de Presidente da Associação Comercial e Industrial de Beja, vem declarar que vê com muita simpatia a iniciativa da lavoura alentejana ter, na imprensa diária, um órgão de grande informação e que as classes que ali representa saberão auxiliar a iniciativa e que desde já põe a séde da Associação ao dispôr da Lavoura para ali reunirem se disso tiverem necessidade.

O sr. Joaquim da Silva Brito Pais, que a seguir fez uso da palavra rende homenagem à Lavoura de Elvas, afirmando que a Lavoura do distrito de Beja, há-de reconhecer sempre que a grande glória dessa patriótica iniciativa se deve aos colegas de Elvas mas que os lavradores do distrito de Beja saberão cooperar nessa iniciativa.

Por último, não havendo mais orador algum inscrito foi nomeado o sr. Joaquim da Silva Brito Pais para na reunião de Lisboa representar esta assembleia.

Ao Sindicato Agrícola de Elvas foi enviado o seguinte telegrama:

«Lavoura bejense sauda e felicita a Lavoura de Elvas pela sua iniciativa da publicação de um jornal diário nosso defensor, resolvendo realisar-se em Lisboa uma reunião para nomear a comissão organizadora que lance as bases para a constituição da Alentejana Editora. Agradeço poderes conferidos. — O Presidente — Montes Palma».

Em Moura esperavam-se os membros da "Alentejana Editora"

Em Beja, e enviado pela Comissão de Iniciativa e Turismo de Moura foi recebido o seguinte officio:

«Meu caro Pedro Muralha

Em resposta à sua carta, venho dizer-lhe que a Comissão de Iniciativa e Turismo me encarregou de receber os representantes da Alentejana Editora na séde da Comissão de Iniciativa apresentando-lhe as nossas boas vindas.

«Seria conveniente que por telegrama me avisassem da sua chegada caso não virem no combóio da tarde do dia 4.

Com um abraço de amigo certo,
Victor Mendes»

Por não terem ido a Beja os lavradores do Alto Alentejo como se esperava, o passeio a Moura ficou sem efeito. Todavia agradecemos reconhecidamente aos membros da Comissão de Iniciativa e Turismo de Moura a sua gentileza.

Escolas de Reliquias

Afim de tomar nota dos trabalhos necessários para a conclusão dos edificios escolares esteve em Reliquias o engenheiro Delegado tecnico da Direcção dos Edificios e Monumentos Nacionais sr. Emidio Augusto da Fonseca.

O Estado concedeu para essas obras, pelo Fundo de Desemprego a quantia de escudos 12.500\$00.

AGUAS

Dedicamos hoje a nossa página central a tornar conhecidas as águas no Alentejo.

A nossa provincia apesar da sua bem notoria falta de agua, que bastante prejudica a sua agricultura na parte relativa a quintas e hortejos, tem contudo em seu seio algumas aguas medicinais de reconhecido valor, e outras para mesa bastante finas e dignas de serem exploradas a fim de abastecerem diversas localidades que delas carecem.

Em Aljustrel há o Balneário de S. João do Deserto, de aguas medicinais, utilizadas com grande êxito na cura de doenças de pele e úlceras antigas. Essas águas têm a classificação de : fria, hipersalina, sulfatada, férrea, cuprica e arsenical.



Balneário de S. João do Deserto — Aljustrel

tomago, rins e bexiga. Estas boas aguas são nos subúrbis de Beja.

Em Moura temos a magnífica e já afamada estancia termal de aguas aconselhadas para o tratamento de litiase renal, reumatismo e doenças de rins estomago e intestinos.



Palace Hotel — Moura

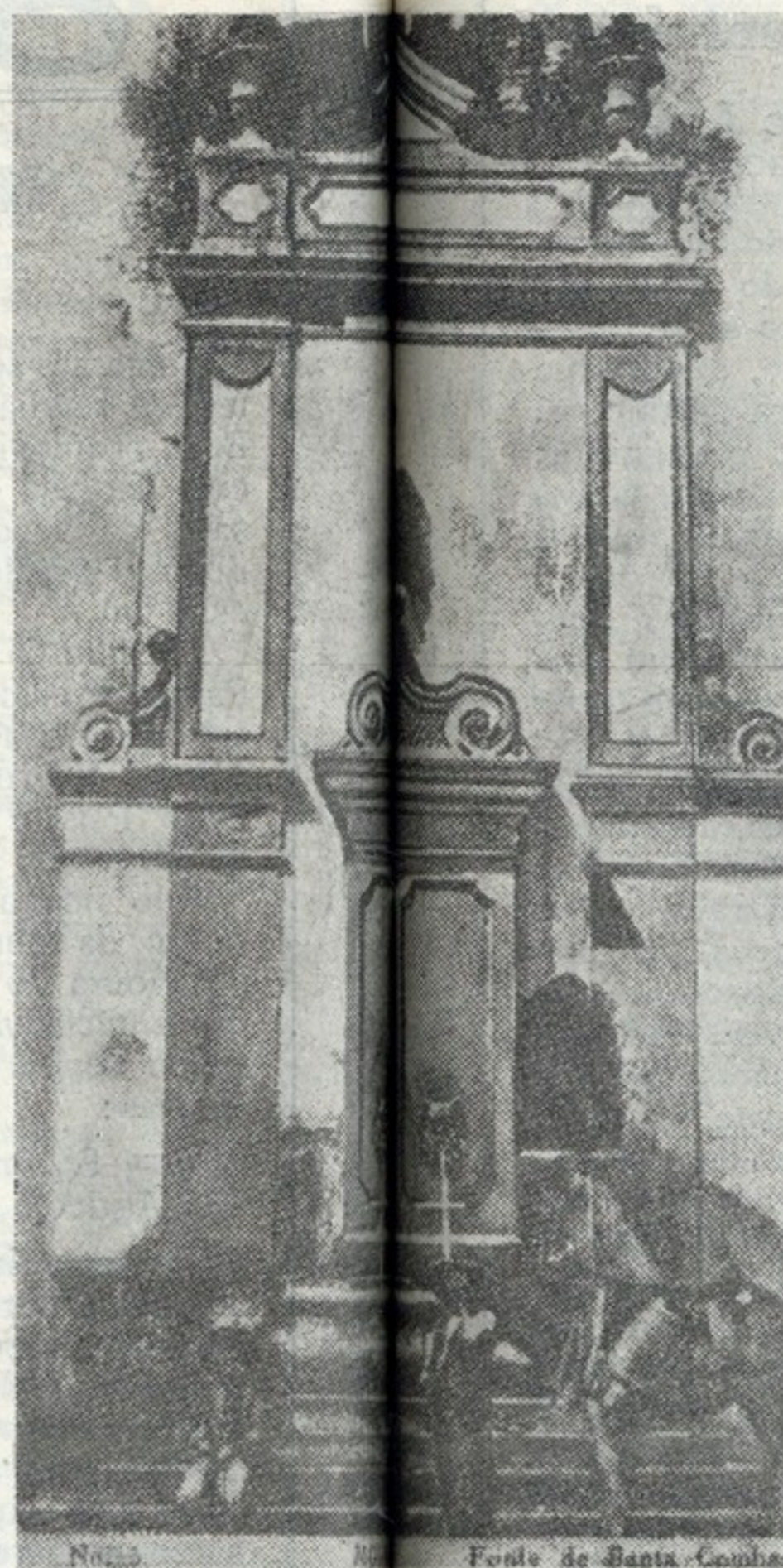
O distrito de Evora não é tão rico em águas medicinais, mas tem a magnífica água da Serra de Ossa considerada das melhores, mais puras e finas para mesa. Pena é não estarem exploradas convenientemente de forma a abastecerem Redondo, Estremós, Borba, Bencantel, Vila Viçosa etc. Por fim temos o distrito de Portalegre que é riquíssimo em aguas medicinais e de mesa.



Parque de Castelo de Vide

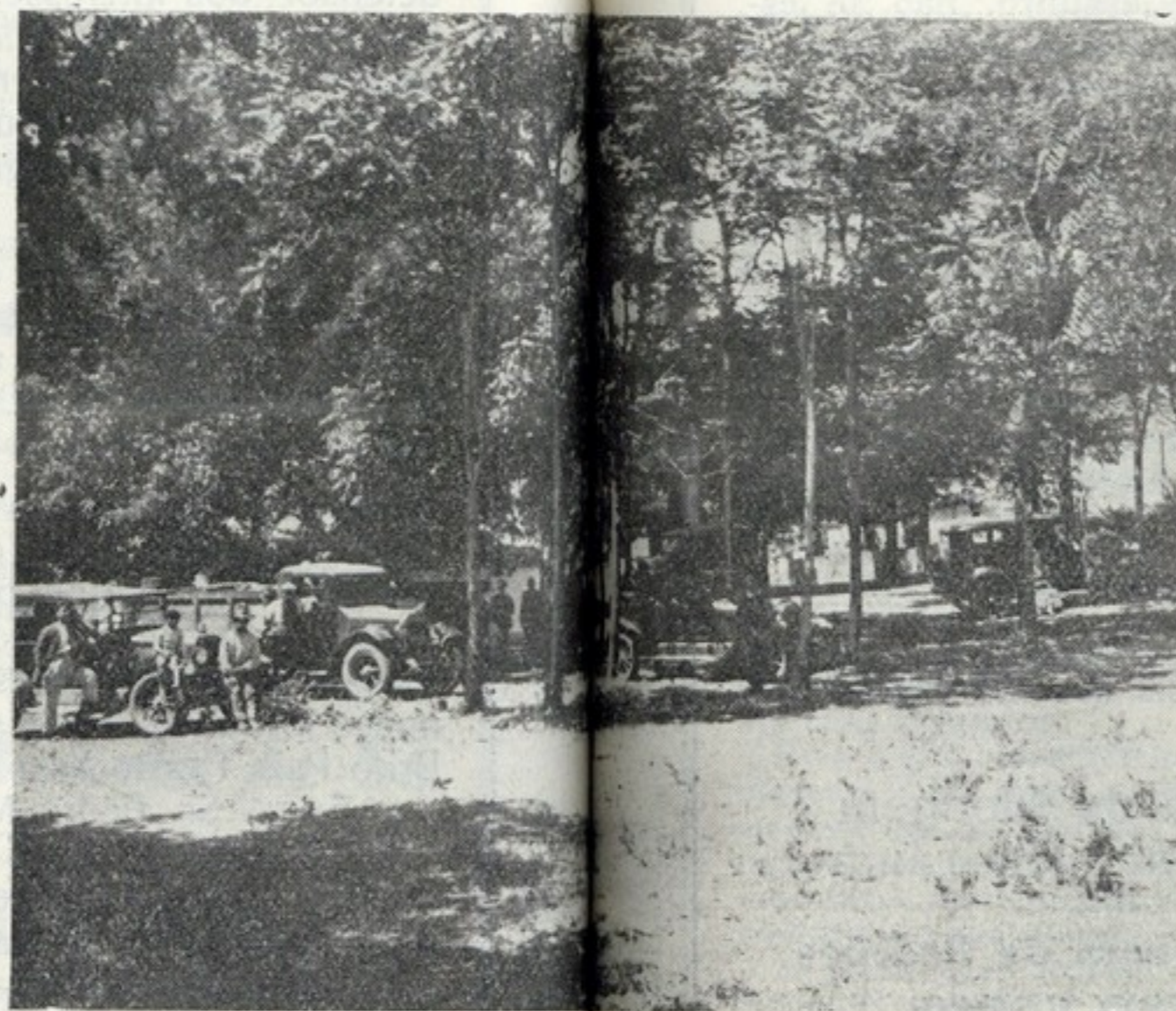
Há também neste concelho as Aguas de Farrobo, em Montes Velhos indicadas para tôdas as enterites e em particular para a enterocolite muco-membranosa, segundo a classificação do Professor Lapiere isenta de toda a contaminação essencialmente cloretada, sódica e magnésica, bastante bicarbonatada calcica, muito levemente sulfatada, litica e férrea.

As Aguas da Carasona, magnificas para mesa, bacteriologicamente puras e aconselhadas pela medicina para o tratamento de doenças de es-



Fonte Santa-historica — Moura

MEDICINAIS



Um trecho do Cabeço de Vide

termas da Fadagosa de efeitos maravilhosos em várias doenças, sobretudo no reumatismo e nas doenças de estomago.

No concelho de Fronteira, Cabeço de Vide tem a sua importante Sulfúria que conta actualmente uma frequência de 600 a 700 acquistas.

Assenta o estabelecimento termal num poetico lugar cheio de sombras à distância de um quilómetro da povoação seguindo-se por uma boa estrada de macdame que vai coleando a encosta.

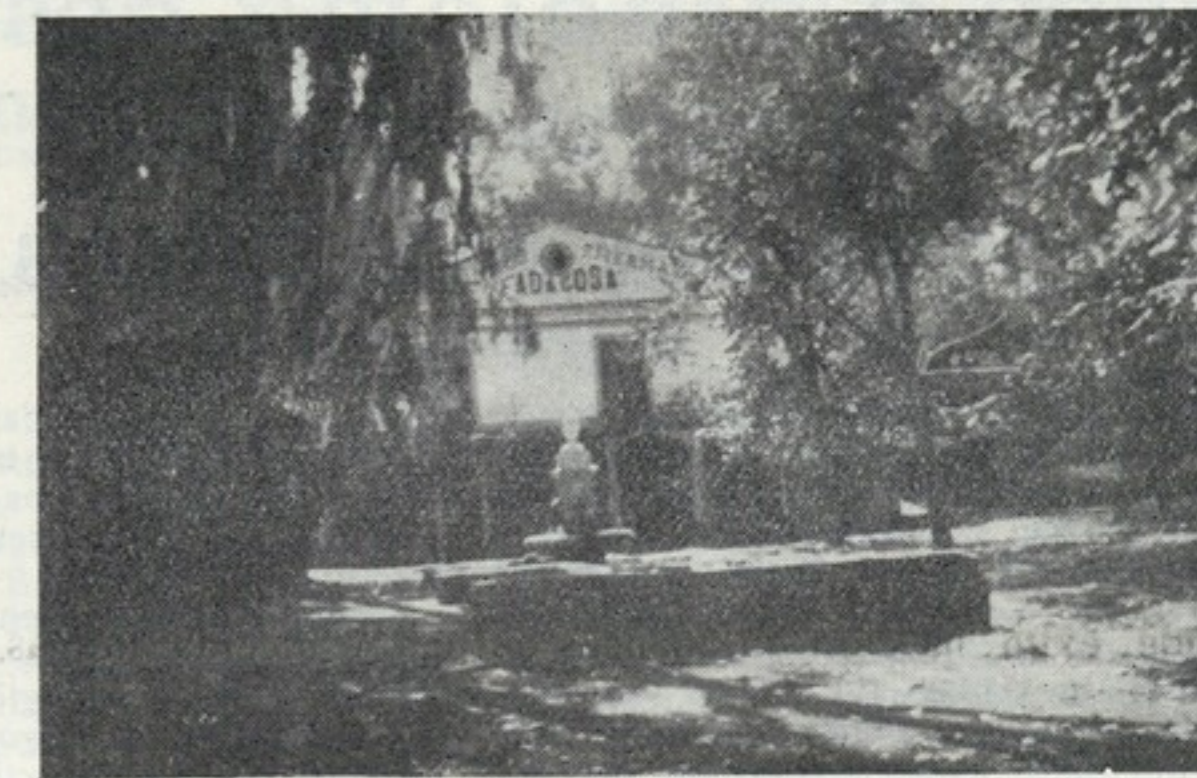
Estão classificadas estas aguas como hiposalinas, sulfurosas cloretadas, mixtas, cálcicas, alcalinas e sódicas, ou mais simplesmente sulfo-alcaninas, e consequentemente são indicadas em primeiro lugar para doenças da pele, calculos dos rins (principalmente de ácido úrico) e do figado, reumatismo, dispepsias e enterocolites muco-membranosas. Dão também bons resultados em catarros chronicos das vias respiratórias (rinites, laringites, faringites, bronquites) e do útero (leucorreia). Na sífilis como adjuvante do tratamento especifico.

Castelo de Vide oferece-nos umas esplendidas termas situadas numa bela região de turismo e que estando à altitude de 560 metros, são, ao mesmo tempo, uma boa estância para curas de repouso. Essas aguas recomendam-se para doenças de estomago, rins, figado, e pele, e estão já dotadas com um magnífico hotel.

Como se vê a «charneca alentejana» tem valores aproveitáveis...

Houvesse no Alentejo a iniciativa que vemos noutras provincias do nosso país, onde o dinheiro gira mais do que infelizmente acontece na nossa rica e bela provincia, e então se veria se apareciam ou [não aguas] medicinais de muito valor, trazendo a cura a centenas de enfermos e concorrendo imenso para a prosperidade das localidades onde se encontrassem, fomentando riquezas, fazendo abrir obras que dariam trabalho às populações pobres e, contribuindo tambem para os cofres do Estado

Mas o alentejano sendo bastante inteligente e cheio de qualidades apreciáveis, tem contudo, ainda, o defeito de ser pouco dado a iniciativas desta natureza. Habitado a vir-lhe tudo da terra, do trabalho da lavoura, porque explora um solo excepcionalmente rico, esquece tôdas as industrias turismo etc.



Trecho da Fadagosa (Marvão)



Fonte de Castelo de Vide



Outro trecho da Fadagosa

NO ALENTEJO

Ainda o problema dos trigos, onde se relembra o periodo do «Milho nas arcas»

Continuando nas nossas considerações sobre o consumo do trigo e o preço do pão, temos de fazer alusão ao periodo em que tanto se debateu a mesma questão sob o titulo «Milho nas arcas». Então vinham os clamores do Norte e das Beiras, porque se procurava dar consumo ao trigo sem atender a produção do milho e do centeio, naquelas regiões, e encontrou-se uma solução a contento de todos, estabelecendo um tipo de pão manipulado com 10 por cento de farinha de milho, 10 por cento de farinha de centeio e o resto de trigo, conseguindo-se o desideratum em causa, pois deixou de haver milho nas arcas e centeio nos celeiros beirões.

Agora propaga-se a manipulação do pão, exclusivamente de farinha de trigo, atenta a sua abundância, sem se fazer referência àquelas produções, que, embora sejam mais restritas e tenham o seu principal consumo nos centros onde são produzidas, em muitos anos excedem as necessidades desses mercados e perturbam os respectivos produtores.

Porque esses produtores são igualmente portugueses — e não têm menor direito a serem atendidos que nós, lavradores alentejanos, produtores de trigo — posto é concluir que o legislador os não pode esquecer nem nós o desejamos.

A solução por que também pugnámos naquela época não pode subsistir na actual, por se ter intensificado a produção do trigo em todo o país, o qual já excede as necessidades nacionais.

Qual será, neste caso, a modalidade para aumentar o preciso consumo do trigo em pão exclusivamente fabricado desse cereal, sem descurar o do milho e do centeio, pelo menos metropolitanos?

Em primeiro lugar, achamos prudente a liberdade de fabrico do pão de farinhas em rama, de modo a não privarem as diferentes localidades de se alimentarem como fôr seu uso habitual. Em segundo lugar, bastará favorecer os mercados do Sul, trazendo-lhes milho em razoáveis condições de preço, nos quais este alcançará largo consumo destinado à engorda de gado suíno.

Nos mesmos mercados obterá igualmente largo consumo o centeio, destinado à fariinação para alimento de gados de todas as espécies, mórmente de gado vacum leiteiro e de trabalho, por ser um produto alimenticio superior a todas as composições de farinhas que os lavradores vêm empregando, com bem pouco aproveitamento, para esses gados, das composições, à venda, de alfarroba, etc.

Isso bastará, mas, se fôr insufficiente, temos possibilidades de consumo no arreoamento do gado do Exército, ao qual se forneceu, no ano findo, determinada quantidade de farelos, e sendo muito mais reduzida em farinha de centeio, dará muito melhores resultados na alimentação dos gados e facilitará o preciso consumo daquela produção.

A quem tem a difficil missão de fomentar as riquezas e o consumo dos produtos nacionais incumbe uma função muito vasta e cuidada, para não serem deminuídas umas e outras em perda da prosperidade basilar da Nação.

Os lavradores alentejanos, patrióticos e sempre dispostos a contemporizar em tudo quanto contenda com o bem estar nacional, fariariam de bom grado a permuta de alguns vagões de trigo por milho e centeio, se isso fôsse permitido, para o fim em refe-

rência, concorrendo para o consumo dos produtos do Norte e beirões, porque eles ajuizam a razão que aos seus colegas assiste para explorarem os seus terrenos como se lhes torna proveitoso.

Desde que haja entendimento recíproco e confiança na protecção do Governo, as lavouras de todas as regiões podem lançar-se na exploração da engorda de gado suíno, promovendo-se a respectiva exportação desse gado e seus derivados, e podem intensificar com essa farinha, a engorda de gado vacum, tendo a certeza de que em todas as épocas lhe será aceite no mercado de Lisboa, onde tanto se dificulta o abatimento das rezes que elas lhe apresentam, e tantas são as contingências que augmentam as ofertas directamente feitas pela lavoura em proveito dos marchantes, disso derivando a escassez que por vezes surpreende a população lisbonense.

Já em tempo se ventillou a conveniência de essas rezes serem inspecionadas na provincia pelos veterinários municipais, mas a lavoura ainda está muito longe de ser razoavelmente protegida!

E, contudo, torna-se, para bem de todas as classes, preciso promover a diffusão dos seus produtos. E' indispensável acarinhá-las nas suas reclamações... e descongestionar os seus celeiros, promovendo a colocação dos trigos, entregando-se-lhe os respectivos warrants, que o Banco de Portugal se propõe a sua taxa de juros.

Ao grande produtor, toda a protecção se resume em lhe facilitarem empréstimos. Com o encargo de juros, os quais sendo a longo prazo lhe absorvem os efémeros proventos e o atrofiam desapidadamente!

Urge, por isso, tornar-se-lhe mais fácil e sossegada a sua missão de produzir, de bastar o consumo público e de proporcionar trabalho à enorme população rural, sempre aumentada com a crise em todas as artes e officios.

Não terá certamente escapado aos nossos legisladores a noticia publicada há dias, de ter o governo de Espanha a intenção de instalar na provincia de Badajoz, «dez mil famílias de trabalhadores rurais» que vinham sendo substituídos por gente portuguesa, mórmente ceifadores, que vão tendo esse porto fechado à sua actividade, tudo se encaminhando para nos limitarmos aos nossos próprios recursos.

Não leu nem preocupou a noticia a «Grande Moagem», pois, segundo consta — ainda não está saciada — forceja por alcançar do Governo a mercê de desvalorizar os trigos denominados «tremeses» ou obstar à sua produção por serem menos rendosos em farinhas claras, sendo certo que esses trigos são sementeados no periodo da primavera, para alargamento dos alqueives e resumir as despesas das lavouras até as colheitas, em terrenos onde não produz o milho e que por motivos imprevisitos não foram sementeados de temporão.

Será ainda possível mais algum entrave para a lavoura e para preocupação dos que pensam trabalhar e produzir, sem ser em beneficio do «cambão»? E' mister ter muita força e reagir.

Que o Estado Novo se diferencie do Velho para gloria do 28 de Maio, data gloriosa, inicio de uma época de ressurgimento nacional.

JOSE' MENDES
(Lavrador em Elvas)

O deserto alentejano

O concelho de Aviz,
foi sempre descurado

Sobre o artigo saído no n.º 19, recebemos uma carta do nosso pressado amigo e assinante sr. dr. Cósme de Campos Calado, dignissimo Presidente da Câmara Municipal de Aviz, que nos diz o seguinte:

«A propósito do seu artigo «Aviz sertão alentejano», que li com todo o interesse, e, já que o meu amigo promete voltar a occupar-se do assunto, será bom frizar que todo o concelho de Aviz está reconhecido ao actual Governo a quem deve a realização destes dois importantissimos melhoramentos: a estrada Aviz-Galveias e a conclusão da estrada Aviz-Fronteira, (2.800 metros). A primeira destas vias ligando Aviz com Ponte de Sôr, vem facilitar consideravelmente o acesso ao Caminho de Ferro de Leste e tem já estabelecida uma carreira de camionetas para transporte de passageiros e mercadorias. Quanto á estrada Aviz-Fronteira, concluidos que sejam os tais 2.800 metros, ficará Aviz ligada ainda que indirectamente com o Sul do Alentejo e com a capital de distrito (Portalegre). O pior, meu amigo, é que os trabalhos das duas estradas caminham com tal morosidade que, a despeito das delicias da Câmara de Aviz e da boa vontade do actual Governador Civil, não é possível prever quando ficarão ultimados.

São como as obras de Santa Engracia!...

Se, pois o meu amigo ainda vier a versar este assunto, não se esqueça abordar este ponto que é o nó gordio da questão...»

Aqui ficam pois arquivadas as palavras do sr. Presidente da Câmara de Aviz, ou seja os seus lamentos pela morosidade com que as obras caminham o que está trazendo tão grandes prejuizos a um dos mais ricos concelhos do país e, privando um povo trabalhador e ordeiro do contacto directo com a civilização.

Carlos Augusto de Brito Guerreiro

Fábrica de Moagem
de Farinha em rama

Santa Barbara de Padrões
CASTRO VERDE

Um casal de beneméritos acaba de garantir vida desafogada à mais velha colectividade filantropica do Alentejo

Beja, reconhecida

A Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Bejenses foi instituída em Janeiro de 1856. Conseqüentemente já vai para 80 anos de existência. Foi seu iniciador o dr. Francisco Barreto Moreira e Lucas, que convidou algumas dezenas de artistas, tendo-se nomeado uma comissão organizadora que ficou composta por Casimiro Coelho, Francisco Inácio Bentes e Francisco António Pais, tendo-se reunido a primeira assembleia geral com 56 sócios e tendo-se aprovado os estatutos e eleitos os primeiros Corpos Gerentes pelos seguintes srs.: António Augusto da Cunha, Amaro da Silva Guia, António Inácio de Sousa Porto, Francisco Baptista Barreiros, Francisco António Pais, Francisco Inácio Bentes, José Francisco Vargas, Joaquim Casimiro Coelho, José Pedro Poina, José Francisco Coelho e João Manuel Palma.

Durante meio século vegetou esta instituição por acanhadas casas de aluguer, tendo muitas vezes que recorrer a salões emprestados para poder reunir, até que Francisco Pedro Galineta, indo ao encontro de um dos mais prestimosos sócios, José Francisco Duarte Saude, pensaram em construir sede própria dando este último todo o seu trabalho na qualidade de mestre de obras e sendo construída uma bela sede no local onde existiu em tempos o convento da Esperança.

Mas esta instituição, como todas, teve o seu apogeu e teve a sua decadência.

Ultimamente nem já podia satisfazer os seus compromissos, socorrendo aqueles que de socorros necessitavam.

Mas aparece agora um casal de beneméritos que vem garantir para sempre a vida dessa velha instituição.

É o sr. D. Diogo Passanha e sua Ex.^{ma} Esposa, D. Matilde de Vilhena Maldonado Passanha, que acabam de oferecer ao Monte-Pio bejense 200 contos.

Foi na noite de 29, pelas 21 horas que compareceram na referida instituição o sr. D. Diogo, acompanhado do seu advogado sr. dr. Francisco Inácio da Costa Mira, que proferiu, perante a direcção, o seguinte discurso:

«A Ex.^{ma} Sr.^a D. Matilde de Vilhena Maldonado Passanha e seu marido, o Ex.^{mo} sr. D. Diogo Francisco da Fonseca Passanha, resolveram, no impulso dos seus corações generosos e bons, fazer um importante donativo a qualquer casa de caridade ou beneficência desta cidade. Chegou, porém, ao seu conhecimento, que a Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Bejenses, modelar Associação de Socorros Mútuos, lutava com imensas dificuldades, não podendo, por falta de verbas, dar os subsídios a doentes e a suas famílias a que se referem os vários números do artigo 15.^o dos seus Estatutos.

E se o fim humanitário, visado nesses números é tão digno e nobre, para lastimar era que, tal fim não pudesse ser satisfeito por falta de recursos, dando aos associados, homens probos, um pouco de conforto na sua doença.

E assim, sem pressão ou sugestão de qualquer pessoa, e obedecendo apenas

aos ditames dos seus corações, resolveram oferecer e de facto ofereceram à prestimosa Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Bejenses a importância de 200.000\$00, representados por títulos da Dívida Pública Portuguesa, Empréstimo de Consolidação de 4 por cento de 1934, cujos cupons ou dividendo se destinam desde hoje a custear o subsídio de doenças, atrás referido.

Contam os doadores com a inconcusa probidade das Direcções e corpos directivos da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Bejenses, e esperam da sua honradez, assiduidade e solicitude deste subsídio, que se cumpra a vontade expressa destes doadores. O dinheiro, representado em títulos, não pode ter outra qualquer aplicação e o seu juízo será estritamente destinado ao subsídio já mencionado, ou a qualquer Fundo que venha a ser criado para socorrer os associados na sua invalidez permanente ou velhice.

Nestas condições fazem a doação, cumprindo à Direcção da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Bejenses declarar se aceita a dádiva nestes precisos termos.

Para este efeito, a ilustre direcção, poderá, se necessário for, convocar a Assembleia Geral da mesma Associação, a-fim-de se munir dos necessários poderes para aceitar, nos termos expostos, esta dádiva; reservando-se, eles, doadores, o direito de, no caso não esperado, do dinheiro agora oferecido ter um destino diverso, daquelle que se visa, pedirem a sua entrega e ficando os bens próprios desta Associação responsáveis pelo pagamento da referida importância.»

Pelo sr. Vitor Hugo Rousseau, presidente da Direcção, foi respondido:

«Ex.^{mo} Sr. D. Diogo Francisco da Fonseca Passanha e Ex.^{ma} Srs.

Como presidente da Direcção desta prestimosa Associação, tenho a honra de respeitosamente apresentar a V. Ex.^a e a sua Ex.^{ma} Esposa, em meu nome e no dos meus ilustres colegas o nosso mais sincero reconhecimento pela grandiosa obra de caridade com que V. Ex.^{as} se dignaram honrar esta humanitária instituição, gesto nobre e sublime, rarissimo nos tempos que decorrem, digno de ser imitado por quem o possa fazer, mas que só pode ser levado a efeito por quem seja dotado dos mais puros sentimentos de filantropia, e que jamais esquecem aqueles, que nas horas trágicas da vida se vêem a braços com a miséria e a invalidez.

Só corações exemplares, dotados de excelsas virtudes, como o de V. Ex.^a e o de Sua Ex.^{ma} esposa, sabem avaliar quanto vale tão grandioso beneficio, que vai assegurar o futuro áqueles a quem a idade ou a doença lhes não permite angariar os meios de subsistência, pelo que me é imensamente grato poder afirmar a V. Ex.^{as} que o importantíssimo donativo que S. Ex.^{as} o Ex.^{mo} Sr. D. Diogo Francisco da Fonseca Passanha e Sua Ex.^{ma} esposa D. Matilde de Vilhena Maldonado Passanha acabam de oferecer a esta mutualidade, lhes perpetua os nomes de V. Ex.^{as}, como esta Associa-

Curiosidades

A cultura física do homem futuro

Sir Arthur Reath de autoridade reconhecida, veio há tempos, pelas colunas do *Westminster Gazette*, de Londres, destruir a hipótese formulada por escritores imaginosos, como Bernard Shaw, arrematando que o homem do futuro será um personagem possuído dum cérebro enorme, uma espécie de super-homem, todo êle cabeça, que se nutrisse de energia com pilulas e que se não ocupará senão dos problemas abstractos.

Se o leitor se recordar das figuras com que certos desenhistas, baseados em indicações scientificas a respeito do planeta Marte, nos apresentam a humanidade marciana, deveria, como nós, dar graças a Deus, de terem vindo ao mundo já e não daqui a milênios, em que o homem, atingindo o grau da perfeição intellectual, será ao mesmo tempo um animal horrível, de ver-se.

Já Oscar Wilde dizia que o homem, quando se senta para pensar, perde toda a graça física; por esse motivo é que um bispo não é deselegante; é que aos 80 anos êle pensa o mesmo que pensa aos 8

Decalogo das regras a seguir

Tomás Jefferson diz-nos:

- 1.^o Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.
- 2.^o Não comprometas nunca outra pessoa para fazer o que tu próprio podes fazer.
- 3.^o Não gastes o teu dinheiro antes de tê-lo seguro.
- 4.^o Não compres com o pretexto da barateza o que não te faz falta, pois sae-te sempre caro.
- 5.^o O orgulho custa-nos mais caro do que a fome, a sede e o frio.
- 6.^o Não te arrependas nunca de teres comido pouco.
- 7.^o Nada do que voluntariamente se faz, parece possível.
- 8.^o Quantas lágrimas nos têm custado as desgraças que nunca vêm.
- 9.^o Toma todas as coisas pelo lado mais fácil.
- 10.^o Se estiveres aborrecido conta até 10 antes de falar e até 100 quando estiveres furioso.

Motôr a oleos pezados

Precisa-se, em bom estado, de 45HP. a 50HP. Nesta redacção se informa.

ção, como preito de gratidão o sabe fazer aos seus ilustres benfeitores, que para ela concorrem com auxílios monetários, que lhe asseguram o cumprimento da sua humanitária missão.

Igualmente nos cumpre agradecer ao distinto advogado, o Ex.^{mo} Sr. Dr. Francisco Inácio da Costa Mira, a valiosa colaboração de S. Ex.^a neste importante assunto.

Receba, pois, V. Ex.^a e Sua Ex.^{ma} esposa, em nome de todos os sócios desta Associação, os protestos da nossa mais sincera gratidão pelo importantíssimo donativo com que V. Ex.^{as} nos honraram, pelo que faço ardentes votos pelas maiores felicidades de V. Ex.^{as} e Sua Ex.^{ma} família.

Em nome de todos os sócios da Associação de Socorros Mútuos dos Artistas Bejenses, muito e muito obrigados.»

As nossas cotações

EVORA

Aveia, 6\$80, os dois litros; cevada, 9\$50; fava, 13\$50; grão de bico, 20\$00; milho, 15\$00; feijão côr de cana, 50\$00, e frade, 25\$00.

Centeio, 8\$4, o quilo; azeitona curtida, 25\$00, os 15 quilos; cortiça, carvão e palha, respectivamente, 9\$00, 7\$00 e 1\$50 os 15 quilos.

Azeite, 63\$00, os 10 litros, e vinagre, 6\$00. Vinho, tanto branco como tinto, 300\$00, os 500 litros, e aguardente 875\$00.

As carnes verdes e fumadas regularam, por quilo:

Carneiro, 7\$00; porco, com ôsso, 10\$00, sem ôsso, 12\$00; vaca e vitela a 8\$00 e 13\$00, respectivamente com e sem ôsso; chouriço, 16\$00; farinheira, 8\$00; morcela, 10\$80; paio de lombo, 25\$00; presunto, 13\$00; toucinho, 7\$20; banha, 8\$00.

Cêbo, 18\$00; ovos a 5\$00 a dúzia; queijos de cabra a 80\$00 e de ovelha a 70\$00; lâ branca a 130\$00 e preta a 100\$00, os quinze quilos.

Gado suíno

Os preços do último mercado foram: para o marchante, 80 e 82\$00 a arroba; para a cidade, 85 e 90\$00.

ELVAS

Aveia, 7\$00; cevada, 80\$00; fava, 14\$00; grão de bico, 22\$00.

Preços por quilograma de carnes verdes e fumadas.

Cabra, cabrito e carneiro, 5\$00; porco, 6\$00 e 9\$00, respectivamente com ôsso e sem ôsso; vaca e vitela, respectivamente com ôsso e sem ôsso, a 5 e 8\$00; chouriço a 13\$00; farinheira e morcela, 10\$00; paio, 16\$00; presunto, 22\$00; toucinho, 7\$00; banha de porco, 7\$00; manteiga de vaca, 22\$00; queijo, 12\$00.

Ovos a 5\$00 a dúzia.

Os gados tiveram os preços máximos:

Cavalo de sela, 2:500\$00; parelha de cavalos, 5:000\$00; jumento, 400\$00; parelha de muares, 7:000\$00; junta de bois, 5:000\$00; junta de vacas, 4:000\$00; vaca leiteira, 1:800\$00; vitelas de seis meses, 600\$00; carneiros, 90\$00; ovelhas, 70\$00; borregos, 30\$00; cabra leiteira, 120\$00; cabrito, 30\$00; porco de um ano, 110\$00, e báculos de seis meses, 80\$00.

Arroba de carne de porco para os marchantes, 88\$00; para a cidade, 90\$00.

*

Em Nisa regula os mesmos preços das cotações que damos.

A ROSEIRA

Sua origem e sua importância «ética e étnica»

Pelo Professor S. Decker

6.º — Grupo da «Rosa chá» (*Rosa odorata*) ou «Rosa indica odorantissima» ou «Rosa chinensis fragans» ou ainda «Rosa théa») — As variedades deste grupo distinguem-se pela sua casca lisa e verde, irregularmente coberta de aculeos fortes, pardos e recurvados para baixo. A folhagem é de grande beleza, dando a impressão de indefinível nobreza, ainda realçada pelo colorido vermelho dos brotos novos. As fôlhas compõem-se geralmente de 5 folíolos cordiformes, verde-lustrosos, cenereocerosos na face inferior. O verde relativamente claro combina admiravelmente com a delicada pureza das pétalas, e contribui muito para dar a graça peculiar ás fôlhas das rosas deste grupo.

As fôlhas são muitas vezes mais inclinadas que direitas, pelo que convem cultivá-las em latadas, fios de arame ou fuste alto. A célebre «Marechal Niel» é a «Rosa chá» por excelência. É também o verdadeiro tipo deste grupo, a encarnação do velho «Tat-wam-asi», do «isto és tu» dos indús. Os coloridos são em geral, meias tintas, tendo alguma coisa de etéreo e irreal, a que se junta o perfume típico do chá que se desprende das pétalas dissecadas.

7.º — Grupo das rosas híbridas da «Rosa chá» (*Rosa Odorata forma híbrida*) — Este grupo originou-se do cruzamento da «Rosa Odorata» com a «Rosa gallica híbrida». Mais recentemente, entretanto, outras rosas contribuíram para a sua melhoria e de tal forma que hoje se torna difícil precisar a filiação exata desta ou daquela rosa. A rosa híbrida típica é a belíssima «La France»! De certo que temos hoje centenas de variedades que poderiam substituí-la. Mas suplantá-la é simplesmente impossível. Diz-se que esta rosa sofre de velhice! Para avaliar o fundamento de tal acusação procure ver o leitor na primavera, as roseiras, «La France». Nessa estação elas se encontram sempre cobertas de rosas da maior perfeição.

A sua singular beleza vem ao que se diz do sangue damasceno, como é também o caso da admira-

vel «Papá J. Lambert». As rosas híbridas da «R. chá», possuem um defeito único — florescem com tanta exuberância que não sobra seiva para formar o lenho necessário á montagem de um arcaboiço vigoroso. A floração é mais precoce do que na própria «Rosa chá» continuando com breve interrupção, até muito tarde, no outono, caso não esqueçamos de adubá-las convenientemente. Possuem uma resistência a toda a prova.

Estão destinadas a substituir a «Rosa chá» nas zonas frias do globo. Este grupo é tão vasto que encontramos nele os mais diferentes tipos, exigindo cada um a sua posição particular.

De passagem, desejamos salientar a esplendida «Jules Graveaux», que floresce no meio do inverno ou logo depois do frio mais intenso.

Em certos países costuma-se combinar as rosas trepadeiras híbridas da «R. chá» com as flores das «Clematides». Nós possuímos as «Ipoméas» ou «Campainhas» do mais puro azul, que se prestam para a mesma combinação. Seria mesmo difícil obter mais gracioso efeito do que combinando essas lindas rosas trepadeiras roseas com o azul puríssimo das «Ipoméas»! Colorido e forma nestas rosas são geralmente de uma infinita riqueza e certo é que neste grupo a rainha das flores alcançou realmente a apoteose de beleza e de graça.

CLINICA MEDICA DENTARIA

Calçada do Carmo, 25, s/l.-D. — Telefone 2 7146

Todo e qualquer trabalho de cirurgia da especialidade — Clínica medica 20% de desconto aos assinantes da VIDA ALENTEJANA e socios do Gremio Alentejano, sobre a tabela afixada no Consultório

Fabrica de Farinha em Rama

— José Rosa —

CASTRO VERDE

Obras de Pedro Muralha

Alemanha Perante a Europa... .. (Esgotado)	
Belgica Heroica (»)	
Terras d'Africa 2 vol... ..	40\$00
Portugal no Brazil 1 vol.	15\$000
A Prôa de Sagres 1 vol.	10\$00
Cartilha Colonial 1 vol.	5\$00
Album Alentejano, Tomo de Beja ...	20\$00
Tomo de Evora...	25\$00

Brevemente :

Album Alentejano, Tomo de Portalegre	30\$00
Artigas	10\$00

Pedidos à

R. da Rosa, 105, 1.º

Trabalhos tipograficos
em todos os generos.

Imprensa Beleza

R. da Rosa, 99 a 107

Telefone 2 1622

ALBUM ALENTEJANO

TOMOS PUBLICADOS:

Beja	20\$00
Evora	25\$00

A SAIR:

PORTALEGRE

Com mais de 1.000 fotografuras e 500 páginas 35\$00
Os assinantes tem direito a 50 % de desconto nos tomos que
tenha o seu anuncio.

Pedidos a ALBUM ALENTEJANO, IMPRENSA BELEZA

Rua da Rosa, 99 a 107 — Lisboa

BREVEMENTE

«Jornal do meio dia»

EDIÇÃO DIÁRIA (da «Alentejana Editora» em organização)

DIRECTOR: PEDRO MURALHA

Colaborado por profissionais da imprensa
e com um serviço telegrafico e telefónico
desenvolvido

Novo aspecto gráfico e literário

“JORNAL DO MEIO-DIA”

*inserirá interessantes Secções, tais como: Utilidades,
Charadistica, Abertura de Cambios, etc.*

A começar no 1.º numero:

Ártigas: Trabalho inédito de Pedro Muralha. É a historia da colonisação portuguesa no Uruguai, e a descrição da independencia das nacionalidades americanas

Assine já o “**Jornal do meio-dia**”

cujo preço é de **6\$00 Esc. mensais** Numero avulso **\$30**

Aceitam-se agentes e correspondentes
em todo o Pais

REDACÇÃO PROVISORIA:

Rua da Rosa, 105, 1.º — Lisboa